

Eleição Fechada

Volta Redonda está vivendo novamente um clima de medo e insegurança. Desta vez, o motivo é a acirrada disputa pelo comando do poderoso Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Barra Mansa, Volta Redonda e Resende. A eleição está marcada para os dias 10, 11 e 12 de julho, com a presença de quatro chapas disputando a sucessão da atual diretoria, filiada à CUT.

Trata-se de uma eleição *sui generis*: todos os candidatos são funcionários da Companhia Siderúrgica Nacional. O que está em jogo é o domínio político-sindical da usina, a empresa mais expressiva da região. Há nesse caso um velado corporativismo, com todos as correntes levantando bandeiras contra as possíveis demissões na CSN e exagerando ao apontar graves seqüelas para a vida da cidade. É mais um dos vícios da falta de pluralismo sindical no país.

A preservação da usina de Volta Redonda — marco da industrialização do país — é vital para o Brasil e a economia do Estado do Rio, onde é o maior contribuinte do ICMS. Mas o saneamento administrativo e financeiro da CSN não poderá deixar de ser doloroso. A empresa padece há anos de uma política inadequada de pessoal, com excesso de altos salários e quadros estranhos às suas atividades.

Sucessivas administrações não conseguiram pôr a empresa na trilha da eficiência e da produtividade. O peso do fisiologismo político

sobre a usina é excessivo. Uma comparação com a estatal Usiminas deixa mal a CSN que produz menos aço com muito mais gente — portanto com custo operacional desfavorável. O alto endividamento externo e a insuficiente remuneração dos preços de seus diversos produtos (alguns dos quais são monopólio, como a folha de flandres) agravaram a situação financeira que a atual administração não soube evitar.

A recuperação da CSN vai exigir sacrifícios de todos. O governo do Estado do Rio precisa converter em participação acionária, não exigível, créditos atrasados de ICMS; o governo Federal deve reajustar os preços defasados e rolar as dívidas da empresa, através da Siderbrás; e os administradores e os funcionários também precisam dar sua cota. Demissões serão inevitáveis no mais alto nível, assim como a venda das subsidiárias não essenciais às atividades da companhia.

Os metalúrgicos deveriam deixar o sectarismo de lado e pensar a mais longo prazo. Às vezes, devem-se ceder os anéis para não perder os dedos. Nesse aspecto, a atual direção do sindicato, controlado por correntes do PT e do PDT, tem criado um clima que não ajuda no saneamento da empresa. O radicalismo da CUT já prejudicou o candidato do PT, Luis Inácio Lula da Silva. Não pode agora prejudicar os 28 mil funcionários da CSN nem os 250 mil habitantes de Volta Redonda, cujas vidas dependem em grande parte da usina.